Cristãos e Israel

I.Shammout

Alguns cristãos têm hoje um problema de consciência sobre o actual Estado de Israel. Alguns, conscientes do «Holocausto Hitleriano», têm sido rápidos a reconhecê-lo; outros - os poucos - recusam-se a reconhecer a legitimidade de Israel por duas razões:

1. Porque estão conscientes da injustiça sofrida pelo povo palestiniano, expulso da sua terra pela violência.

2. Por razões relacionadas com a fé em Jesus e com o testemunho que lhe é devido.

Uma vez que o tema deste estudo é delicado, e que pode despertar sensibilidades, deve dizer-se antes de o abordar que o problema não está a ser tratado num espírito «anti-semita», mas sim num

espírito de justiça social e religiosa. Somos a favor da liberdade religiosa para todos e em todo o lado, mesmo em Israel, onde gostaríamos de ver o repatriamento dos milhões de palestinianos exilados - muçulmanos e cristãos - a quem as autoridades israelitas se recusam a reintegrar **por não serem judeus**. Não será isso racismo?

Para esclarecer o problema, devemos colocar-nos a seguinte questão: «Para um cristão, o que significa reconhecer o Estado de Israel?»

Será para reconhecer o facto consumado da sua presença, ou para admitir a legitimidade da sua presença na Palestina hoje?

Em relação ao facto consumado, que é um fenómeno histórico, não podemos deixar de notar a existência na Palestina, desde 1948 apenas, de uma entidade política que as Nações Unidas, uma instituição secular, concordaram em reconhecer como o Estado de Israel.

Mas e quanto à legitimidade desta presença israelita em solo palestiniano?

Por exemplo: Um homem detém um objecto usurpado; reconhecemos que o objecto está na sua posse; mas será que podemos, sem cometer uma grave injustiça, aprovar o facto, reconhecendo **a legitimidade** dessa posse?

Assim, o problema de consciência é: «Podemos reconhecer a legitimidade do Estado de Israel na Palestina»?

Quando falamos da legitimidade de um Estado, estamos a referir-nos a um direito histórico sobre um determinado território. Só no caso de Israel, estamos a referir-nos a um direito bíblico. Falaremos, portanto, sobre a legitimidade histórica e bíblica de Israel.

1. Legitimidade histórica

Não há argumento histórico suficientemente válido para justificar, nos séculos XX e XXI, um Estado israelita na Palestina, que pertence aos seus cidadãos palestinianos da mesma forma que qualquer outro país pertence ao seu próprio povo. Milhões de palestinianos reivindicam o seu legítimo direito histórico à Palestina. Esses direitos são pré-bíblicos e a Bíblia menciona a Palestina e os palestinianos. As guerras dos palestinianos contra os invasores judeus são notórias (1 Samuel 28).

Antes da vinda de Cristo, os judeus tentaram muitas vezes formar um Estado na Palestina. Isto tomou a forma de um reino por volta de 1000 a.C. Mas menos de um século depois, este reino foi dividido em dois: um reino do norte na Samaria e um reino do sul na Judeia, ambos desaparecidos. A primeira foi destruída em 722 a.C., 200 anos após a sua formação pela invasão assíria, e a segunda em 586 a.C., cerca de 400 anos após a sua formação, destruída pelos babilónios que exilaram os judeus para a Babilónia.

Só no século I a.C. é que o reino judeu foi reconstituído sob o Império Romano, com o rei Herodes, o Grande, no ano 37 a.C., mas este reino foi novamente destruído pelas tropas romanas de Tito no ano 70 d.C. Os judeus fugiram então da Palestina para os quatro cantos do mundo. Mas os palestinianos permaneceram na Palestina.

Dois mil anos mais tarde, em 1948, um Estado de Israel reapareceu na Palestina, reivindicando direitos sobre o país em detrimento dos palestinianos que sempre ali tinham vivido. Os judeus que vieram para a Terra Santa dos quatro cantos do mundo expulsaram os palestinianos da mesma pela violência. Os palestinianos tiveram de deixar as suas casas em condições trágicas para viver no exílio em países árabes em tendas e bairros de lata. As grandes potências ajudaram os judeus a estabelecer-se na Palestina, e reconheceram o Estado judeu um quarto de hora após a sua proclamação em 14 de Maio de 1948, como se a Palestina e os palestinianos não existissem.

As provas históricas da sua existência abundam (bíblicas: Números 13,21-23, sociais, culturais, folclóricas, arqueológicas: mœda palestiniana antiga e contemporânea, etc.).

É de notar que aqueles que apoiam Israel sentem-se, em geral, culpados em relação aos judeus; optaram, portanto, por acolhê-los na Palestina. Mas será justiça dar a uns o que é retirado a outros? É possível desfazer-se do bem dos outros? Um americano, um inglês ou um francês, por exemplo, tem o direito de dispor de terras palestinianas que não lhes pertençam?

Uma pergunta: Porque é que aqueles que querem satisfazer a sua consciência, colocando os judeus numa pátria, não lhes deram uma parte da sua própria terra na Europa ou na América, uma vez que podem dispor dela?

A resposta geral a isto é a legitimidade bíblica: os israelitas teriam um direito bíblico sobre a Palestina. Somos assim transferidos do nível histórico para o bíblico, e na maioria das vezes por pessoas que nada sabem sobre a Bíblia.

É portanto como cristãos que os judeus nos pedem que lhes concedamos um direito bíblico sobre a Palestina. Hoje, pede-se ao povo de Cristo Jesus que dê um testemunho favorável àqueles que negam Jesus. E isto em nome da Bíblia. Este é o teste de fidelidade previsto por Cristo para o fim dos tempos. O próprio Vaticano falhou.

Pois o judaísmo não é nem uma raça nem uma terra geográfica, mas uma religião que encontrou o seu perfeito cumprimento em Cristo Jesus. Para um cristão, é tão absurdo reconhecer um estado judeu para judeus como é reconhecer um estado cristão para cristãos.

2. Legitimidade bíblica

Muitos cristãos apoiam o Estado de Israel acreditando na boa fé para ajudar o «povo escolhido» na sua «terra prometida». Pareceu-nos, portanto, importante recordar o que significam as noções de Terra Prometida e Povo Escolhido à luz do Evangelho.

2.1 A Terra Prometida

A Palestina não é uma terra prometida pela Bíblia aos israelitas de hoje, pelas duas razões seguintes:

1. A Terra Prometida é o símbolo de uma realidade espiritual.
2. Foi prometido com condições.

A Terra Prometida é espiritual

Deus prometeu a Abraão e aos seus descendentes uma terra. A noção desta Terra Prometida, tal como foi querida por Deus, foi explicada ao longo dos séculos pela Bíblia, para finalmente aparecer como uma realidade espiritual, não geográfica. É por isso que São Paulo diz: «Pela fé Abraão veio para peregrinar na Terra Prometida como numa terra estrangeira, vivendo em tendas, juntamente com Isaac e Jacob, herdeiros com ele da mesma promessa. Ele estava à espera da cidade com os seus fundamentos, da qual Deus é o Arquitecto e Construtor» (Hebreus 11:9).

A espiritualidade da Terra já tem as suas raízes no Antigo Testamento. Assim, a tribo de Levi não possuía terra, sendo o próprio Deus a sua quota-parte. A Bíblia de facto diz:

> «Moisés não deu nenhuma herança à tribo de Levi, mas o Senhor Deus de Israel é a sua herança.» (Josué 13:14 e 33)

Por outro lado, o Salmo 37 (36) diz que os mansos e justos possuirão a terra, e não se diz que todos os israelitas na Palestina são mansos e justos; estas virtudes podem ser encontradas em toda a parte. Finalmente, Jesus explicou este facto dizendo que o «Reino de Deus» não é uma entidade visível, mas que se encontra no coração do homem. Aos fariseus que lhe perguntaram quando

o Reino de Deus, que para eles significava o império sionista universal, iria aparecer, respondeu Jesus:

> «A vinda do Reino de Deus não é para ser observada, e não se pode dizer: Aqui está! Aqui está! Pois saiba isto, o **Reino de Deus está dentro de si**.» (Lucas 17:20)

Há hoje rabinos no judaísmo que enfatizam a dimensão espiritual da Terra Prometida. Assim, o comentário do rabino chefe Jonathan Eybeschutz: «Está escrito: 'E habitareis na terra que dei aos vossos pais' (Ezequiel 36,28). O Senhor tinha prometido a Abraão dar-lhe a terra de Canaã, mas quando Sara morreu, ele nem sequer tinha uma parcela de terra para a enterrar. Então, como foi cumprida a promessa? Porque há duas terras que levam o nome de Israel: há a terra de Israel de cima, e há a terra de Israel de baixo. A Terra Santa é a Terra Celestial onde existe o Palácio Divino, de onde correm as nascentes da Sabedoria. Esta é a terra espiritual que foi prometida e dada aos nossos antepassados, não a terra material» («O Reino de Deus e o Reino de César» pelo rabino Emmanuel Levyne. Edições «Le Réveil», Beirute).

Quanto aos descendentes de Abraão, os herdeiros da Terra Prometida, esta é também uma noção espiritual. Um cristão não deve procurá-los numa genealogia histórica e étnica que passaria a herança de pai para filho, mas de acordo com a fé no messianismo de Jesus. Pois São Paulo diz: «Se sois de Cristo, então sois descendentes de Abraão, herdeiros de acordo com a promessa» (Gálatas 3:29).

Assim, para um cristão, qualquer judeu que se recusa a reconhecer Jesus como o Messias e espera outro, não deve ser considerado descendente de Abraão, nem herdeiro da Terra Prometida, seja espiritual ou material.

A promessa é condicional

Deus deserdou os judeus mesmo antes da vinda de Jesus Cristo porque a terra foi prometida sob **condição de** fidelidade ao Pacto; esta condição não foi respeitada; o Pacto foi assim **quebrado** pelos judeus; Deus anunciou então um Novo Pacto, aquele estabelecido por Jesus, que os judeus ainda recusam.

A condição

Assumindo que a Terra Prometida é uma localização geográfica, então não se deve esquecer que a promessa foi feita condicionalmente. De facto, Moisés tinha dito aos judeus: «A menos que tenhais o cuidado de guardar todas as palavras desta Lei... ...Deus fará **as vossas feridas e as feridas dos vossos descendentes**.»

A conjunção «**se**» mostra que a promessa é condicional. Moisés prossegue: «Porque **não obedecestes** à voz do Senhor vosso Deus, tanto quanto o Senhor se agradou de vos abençoar com as suas bênçãos, tanto se agradará de consumir a vossa perda, de vos destruir, e **sereis arrancados da terra** que estais prestes a herdar» (Deuteronómio 28,58-63).

Por conseguinte, é evidente que, em caso de traição, já não se trata apenas de uma questão de terra, mas também de um doloroso castigo e expulsão dessa terra, para os judeus e os seus descendentes. Estes são os termos do Convénio.

O pacto quebrado

Os judeus não respeitaram os termos do Convénio. A Bíblia diz francamente que eles traíram Deus ao adorarem ídolos de países vizinhos, e até oferecendo os seus filhos como sacrifícios, imitando assim os costumes pagãos. (Ver 1 Reis 16:30-34 / Jeremias 7:30-32). Do mesmo modo, o Salmo 106 (105) dá conta das infidelidades do povo judeu: «Rebelaram-se contra o Altíssimo... Também fizeram um bezerro (*dourado*) em Horeb... Afeiçoaram-se a Baal... Imitavam os gentios e faziam-se servos dos seus ídolos. E sacrificaram os seus filhos e as suas filhas, e sacrificaram-nos aos ídolos de Canaã.»

É por isso que Deus, falando através dos profetas, disparou a sua raiva contra Israel:

«Ouvi isto, pois, ó governantes da casa de Israel, que abominais a justiça, que torceis tudo o que é lícito, que edificais Sião com sangue, e Jerusalém com iniquidade, dizendo: Não está o Senhor entre nós? Pelos vossos pecados, Sião tornar-se-á um arado, e Jerusalém uma ruína.» (Miqueias 3:9-12).

Deus diz novamente no livro de Isaías: «Eu criei filhos, e vi-os crescer, e eles revoltaram-se contra mim. Um boi conhece o seu dono, um burro conhece o berço do seu dono: Israel não sabe nada... Ó nação pecadora, um povo carregado de iniquidade, uma raça de malfeitores, crianças degeneradas! Eles abandonaram o Senhor» (Isaías 1:2-4).

A Quebra e o Novo Convénio

Depois de ter denunciado a infidelidade de Israel, Deus declarou através de Jeremias a violação do Pacto pelos judeus. Ele anunciou a vinda de uma Nova Aliança, **que não será como a primeira**, já que a parte do crente não é uma terra, mas o próprio Deus: «Eis que vêm os dias, diz o Senhor, em que farei uma Nova Aliança com a casa de Israel, que não será como a Aliança que fiz com os seus pais.... Que eles **quebraram**... Mas este é o pacto que farei... E introduzirei **neles** a minha lei, e escrevê-la-ei nos **seus corações**; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo» (Jeremias 31:31-33).

É óbvio que este Novo Convénio difere do primeiro, uma vez que «não será como ele». Uma das diferenças reside no facto de não prometer nenhuma terra geográfica, mas sim que é Deus que se entrega a todos aqueles que acreditam em Jesus, o Fundador do Novo Pacto.

Os judeus continuam a recusar o Pacto de Cristo porque não lhes promete nenhuma terra geográfica, nem lhes dá o «privilégio» de estabelecer o império sionista mundial que desejam.

2.2 O Povo Escolhido

A eleição divina nunca foi sobre um povo hebreu pronto como alguns ainda pensam, uma vez que a escolha de Deus foi feita por um **homem**, Abraão o Sírio, e não por uma nação judaica que não existia antes de Abraão. É portanto errado acreditar que o judaísmo é uma raça, razão pela qual a Bíblia lembra aos judeus que o seu antepassado Abraão era **aramaico**, ou seja, **um sírio**. Moisés insiste neste ponto quando diz aos judeus: «Dirás estas palavras perante o Senhor teu Deus: O meu pai (*Abraão*) era um aramaico...» (Deuteronómio 26:5).

O objectivo da escolha de Abraão era formar um meio social para acolher o Messias. O objectivo, portanto, não era o povo, mas Cristo que «veio para os seus, mas os seus não o receberam» (João 1,11).

Mas a todos aqueles que receberam Jesus como Messias, independentemente da sua raça, Ele «deu-lhes poder para se tornarem filhos de Deus» (João 1,12), e assim formar o povo universal de Deus. De acordo com o Evangelho, o povo de Deus é o povo de Jesus.

No passado, Jesus disse aos judeus:

> «Se não acreditas que Eu sou (*Cristo*), morrerás nos teus pecados» e novamente: «Se Deus fosse teu Pai, amar-me-ias. . . ». Finalmente, Ele disse-lhes: «O vosso pai é o diabo, e vós quereis realizar os desejos do vosso pai.» (João 8,24-44)

O que é que os cristãos lhes dizem hoje?.... «Sois os nossos irmãos mais velhos», disse-lhes o Papa João Paulo II na sinagoga de Roma. Como pode um discípulo de Jesus e o seu negador ser irmãos?

> «Se alguém vier ter consigo sem trazer esta doutrina, não o receba em sua casa e não o cumprimente. Aquele que o saúda participa nas suas obras más.» (2 João 10-11)

Para Jesus, de quem somos testemunhas, o verdadeiro judeu é o discípulo de Jesus. No livro do Apocalipse, Jesus não denuncia os judeus como «usurpadores do título de judeus, uma sinagoga de Satanás em vez disso?» (2 João 10-11) (Apocalipse 2:9 e 3:9).

É por isso que São Paulo diz: «Se pertences a Cristo, então és descendência de Abraão» (Gálatas 3,29). Convida portanto os judeus a acreditarem em Jesus a fim de serem «enxertados» no povo de Deus (Romanos 11,23).

Portanto, não se trata de rejeitar os judeus como indivíduos, mas Israel como um Estado. Os judeus, pelo contrário, são convidados a seguir Jesus para se tornarem parte do povo de Deus. O Amor e a Verdade incitam-nos a não os empurrar para o seu erro, deixando-os acreditar que ainda são o Povo Escolhido, de volta à sua Terra Prometida.

Porque temos de compreender que os judeus, que continuam a negar que Jesus é o Cristo, têm a característica específica do Anticristo anunciado por S. João: «Quem é o Mentiroso senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Ele é o Anti-Cristo» (1 João 2:22).

Todos os cristãos e muçulmanos reconhecem que Jesus é o Cristo. Encontramos discípulos de Jesus mesmo no budismo e no hinduísmo. Gandhi falou frequentemente da sua admiração por Jesus, e não escondeu o seu desapontamento com os cristãos: «Dai-me Jesus, e guardai os cristãos para vós», disse ele.

A profecia de João sobre o Anticristo não pode ser aplicada sobre aqueles que reconhecem que Jesus é o Cristo, mas sobre aqueles que rejeitam o seu messianismo. Isto aplica-se apenas aos judeus que negam explicitamente Jesus e esperam outro Messias. Eles são o Anti-Cristo.

Não é surpreendente que os judeus que não acreditam em Jesus não sejam o povo escolhido. Jesus tinha falado de um oficial romano que manifestou a sua fé n'Ele:

> «Em verdade vos digo que em nenhum homem em Israel encontrei tal fé. Digo-vos que muitos virão de Oriente e Ocidente para ocuparem os seus lugares na festa com Abraão, Isaac e Jacó no reino dos céus, enquanto os habitantes do reino (*de Israel*) serão lançados na escuridão: haverá pranto e ranger de dentes.» (Mateus 8:11)

A oposição entre o Reino de Deus e o Reino de Israel está no centro da disputa entre Jesus e os judeus; esta oposição manifesta-se nas palavras de Cristo, quando ele denunciou os súbditos do Reino de Israel e os lançou na escuridão exterior (Mateus 8,11).

Assim, com a vinda de Jesus, o conceito do Povo Eleito foi transformado de uma noção tribal e chauvinista para uma noção universal. É por isso que Jesus condena os «súbditos do reino» de Israel que queriam compreender o judaísmo de uma forma nacionalista: «O teu pai é o diabo e tu queres cumprir os desejos do teu pai» (João 8,44). Aqueles que têm o diabo como pai não podem ser os «irmãos mais velhos» daqueles que têm Jesus como Pai.

É também por isso que Jesus sempre se recusou a ser o rei de um império sionista: «O meu reino não é deste mundo», disse ele (João 18,36). (Ver o texto: «O drama de Jesus»).

Os profetas já tinham estendido a eleição a povos de todas as raças. Isaías, oito séculos a.C., não proclamou este oráculo de Deus: «E congregarei as nações de todas as línguas ... e de algumas delas farei sacerdotes e levitas, diz o Senhor» (Isaías 66,18-21). Assim, a escolha de ministros de culto entre as nações não judaicas, como praticada pelos cristãos, é uma prova da autenticidade do sacerdócio universal de Jesus.

2.3 O que deve, então, ser concluído?

São Paulo responde: «O que é que se deve concluir? O que Israel procura não alcançou; mas aqueles que foram escolhidos alcançaram-no» (Romanos 11,7).

Agora os discípulos de Jesus são escolhidos.

3. Israel é um sinal dos tempos

Uma vez que os judeus hoje reunidos na Palestina dos quatro cantos do mundo não são o povo escolhido na sua Terra Prometida, o que significa o reaparecimento de Israel?

É um sinal dos tempos.

Falamos frequentemente dos sinais dos tempos, sem especificar quais são os tempos. Esta expressão evoca o «fim dos tempos».

Falando destes tempos, Jesus tinha dito: «Jerusalém será pisada pelos gentios (*israelitas*) até ao fim do tempo dos gentios» (Lucas 21,24). Israel, portanto, encarna o paganismo pela sua rejeição de Cristo.

Após a vinda de Jesus Cristo, os gentios são portanto aqueles que negam que Jesus é o Cristo; eles são o símbolo do paganismo nas suas várias manifestações, o Anticristo por excelência.

Quando os judeus proibiram os Apóstolos de falar de Jesus, os Apóstolos rezaram e disseram a Deus: «Esta é de facto uma liga que Herodes e Pôncio Pilatos formaram com os gentios e **os povos de Israel** nesta cidade **contra o** teu santo servo Jesus, a quem tu ungiste» (Actos 4,27).

A palavra «**contra**» revela o espírito do **Anti-Cristo** que reside em «os povos (goyims) de Israel», «os povos» tendo o significado de «gentios de Israel». (Ver o texto: «O Anti-Cristo Ontem e Hoje»).

Os judeus querem que as pessoas acreditem que o seu regresso à Palestina é um «grande sinal» e o cumprimento prodigioso das profecias do Antigo Testamento. Agora sabemos que as profecias em questão dizem respeito ao regresso dos judeus do exílio da Babilónia, no século VI a.C. Não nos deixemos enganar.

Pois é antes o momento de compreender as profecias do Novo Testamento que nos falam do fim dos gentios. Seremos então capazes de compreender quem são estes gentios. Jesus disse-nos que «a abominação da desolação seria nos Lugares Santos» (Mateus 24,15). Além disso, o Apocalipse revela que o Anticristo reunirá os seus homens nos Lugares Santos, na Palestina, e especialmente na amada Cidade, Jerusalém, onde são reunidos por Satanás, não por Deus, dos quatro cantos da terra, para a guerra e não para a paz (Apocalipse 20:7-9). (Ver o texto: «A Chave do Apocalipse»).

4. A atitude de cada verdadeiro cristão

Qual deveria ser, finalmente, a atitude do cristão ligado a Cristo Jesus em relação ao actual Estado de Israel?

Agora é o momento de meditar e pôr em prática estas palavras que o Apocalipse dirige àqueles que ainda querem ser testemunhas de Jesus:

> «É preciso profetizar **novamente** contra muitos povos. . . » (Apocalipse 10:11)

Se o Senhor ordena aos Seus Apóstolos, nestes tempos apocalípticos, que **profetizem «de novo»**, é porque a maioria deles terá sido enganada pelo Anticristo que não reconheceram. Em vez de o denunciarem, estabelecem boas relações com ele. O livro do Apocalipse recorda-lhes o seu dever como apóstolos e testemunhas de Jesus; depois de se manterem em silêncio, devem, hoje, testemunhar **novamente** contra o seu inimigo: Israel.

Quando Cristo veio, o Seu povo não O recebeu. Hoje «Seu» recebe o Anti-Cristo...

Nenhum cristão pode reconhecer a legitimidade de um Estado judeu na Palestina sem se negar a si próprio como cristão, pois isso seria uma admissão implícita de que os seguidores de Jesus não são o Israel profético e que Jesus não é o Cristo. Jesus tinha dito: «Ninguém pode servir dois senhores»; não se pode servir o Reino de Jesus e o Reino de Israel ao mesmo tempo, não se pode

salvaguardar o testemunho do messianismo de Jesus sem denunciar o falso messianismo de Israel. Os judeus sabem-no e os cristãos ignoram-no.

Num assunto tão importante, neutralidade ou silêncio denotam tibieza: «Não sois nem frio nem quente, o que sois um ou outro! Então, quando estiveres morno, vomitar-te-ei da minha boca», diz o Senhor em Apocalipse 3:15.

Por conseguinte, deve ser feita uma escolha, e seremos julgados de acordo com o nosso compromisso: não é reconhecendo Israel que o cristão permanece fiel ao seu testemunho, mas convidando os judeus a reconhecerem Jesus.

Pierre (1978)

Copyright © 2026 - Pierre2.net - All rights reserved.